

S É R I E

INTERPRETANDO
O NOVO TESTAMENTO

1 Pedro



Augustus Nicodemus Lopes

Interpretando o Novo Testamento – 1Pedro, de Augustus Nicodemus Lopes © 2019, Editora Cultura Cristã. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2019 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial

Antônio Coine
Carlos Henrique Machado
Cláudio Marra (*Presidente*)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr
Marcos André Marques
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho

Produção Editorial

Introdução
Davi Manço
Revisão
Davi Manço
Filipe Delage
Marcos Leonardo Paixão da Silva
Editoração
OM Designers
Capa
Magno Paganelli

L864i Lopes, Augustus Nicodemus
 Interpretando o Novo Testamento: 1Pedro / Augustus
 Nicodemus Lopes. – São Paulo: Cultura Cristã, 2019. (Série
 Interpretando o Novo Testamento)
 240 p.

ISBN 978-85-7622-879-0

1. Bíblia 2. Comentário 3. Estudo bíblico I. Título

CDU 227.92

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário

Introdução à Primeira Carta de Pedro	5
Pedro e seus leitores (1Pedro 1.1-2).....	30
Alegria e certeza em meio às provações (1Pedro 1.3-12).....	36
As implicações da salvação (1Pedro 1.13-3.12)	58
As implicações da salvação (1Pedro 1.13-3.12)	82
As implicações da salvação (1Pedro 1.13-3.12)	129
O sofrimento e o serviço cristão (1Pedro 3.13-5.11)	149
Vivendo para a glória de Deus (1Pedro 4.1-11)	177
Sofrendo como cristão (1Pedro 4.12-19)	201
Liderando e sendo liderados em meio ao sofrimento (1Pedro 5.1-11).....	216
Palavras finais (1Pedro 5.12-14)	235

Introdução à Primeira Carta de Pedro

1 Pedro

Introdução

1. Autor

O autor da carta é identificado claramente na primeira frase do escrito: “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo [...]” (1.1). À luz do que sabemos, trata-se de Simão, o pescador da Galileia, chamado por Jesus para ser seu discípulo (Mc 1.16-17 e paralelos) a quem o Mestre posteriormente deu o nome de Pedro (Mt 16.18) e que veio a ser um dos 12 apóstolos do Senhor (Mc 3.16). Ao longo da história, tal afirmação recebeu ampla sustentação (veja item “a” abaixo). Recentemente, contudo, alguns estudiosos do Novo Testamento propuseram a teoria de que “Pedro”, neste verso, seria um pseudônimo adotado, por motivos obscuros, por um autor desconhecido do século 2º (veja item “c” abaixo).

Em nossa opinião a carta foi escrita, indubitavelmente, por Pedro. Nessa seção, mostraremos por meio de um conjunto de evidências externas e internas que a posição tradicionalmente sustentada pela Igreja é robusta e razoável.¹ Em seguida, de forma sucinta, discutiremos a teoria da pseudonímia, mostrando que os argumentos nesse sentido não são convincentes. Por fim, encerraremos este tópico apresentando um breve perfil de nosso autor, à luz da informação contida nos Evangelhos, em Atos dos Apóstolos e na tradição eclesiástica.

¹ *Evidências externas* são aquelas aduzidas a partir da história da Igreja desde seus primórdios. *Evidências internas* (ou literárias) são aquelas coletadas a partir dos dados disponíveis no próprio escrito.

A. Evidências externas

A primeira menção à 1Pedro é feita já no Novo Testamento. Em 2Pedro 3.1 o autor afirma que esta é a segunda carta escrita por ele aos seus leitores; esse autor, anteriormente, havia se identificado como “Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo” (2Pe 1.1). É certo que os mesmos eruditos que rejeitam a autoria petrina da primeira carta, em geral negam (talvez com mais veemência) que o apóstolo seja autor da segunda. Porém, conforme salientado por Wayne Grudem, independentemente da posição que se assuma com relação a autoria de 2Pedro, a afirmação em 3.1 é uma evidência de que, muito remotamente na história da Igreja, uma carta escrita anteriormente apresentava Pedro como seu autor e era amplamente aceita como associada ao apóstolo (GRUDEM, 1989).

Segundo nos ensina Simon Kistemaker, por volta de 95 d.C. Clemente enviou uma carta para a Igreja de Corinto (1Clemente) na qual alguns paralelos notáveis com o texto de 1Pedro são perceptíveis.² Em sua *Carta aos Filipenses*, Policarpo de Esmirna (69–155 d.C.) claramente utilizou várias passagens de 1Pedro. Como exemplo, observe a semelhança entre o trecho registrado em *Filipenses de Policarpo* 1.3 e 1Pedro 1.8: “[Jesus Cristo] a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória” (KISTEMAKER, 2006). Apesar dos escritos de Papias (70–130? d.C.) terem se perdido, Eusébio (265–339) afirma em sua *História Eclesiástica* que o bispo de Hierápolis teria se valido de várias citações da carta de Pedro (GRUDEM, 1989).

No final do século 2º, em sua obra *Contra as Heresias* (c. 185), Irineu (130–202 d.C.) também citou 1Pedro 1.8. Contudo, o bispo de Leão atribuiu explicitamente a passagem ao apóstolo Pedro, com as palavras “e Pedro diz em sua carta [...]”. Nos anos subsequentes, outros escritores como Clemente de Alexandria (150–215) e Tertuliano (160–220) também mencionaram a carta como escrita por Pedro (KISTEMAKER, 2006; GRUDEM, 1989).

Diante do exposto, pode-se concluir que as evidências externas sustentam de modo consistente a autoria petrina.

B. Evidências internas

Informações disponíveis no próprio escrito fornecem sólidas evidências em favor da autoria petrina dessa carta. Essas evidências são de ordem tanto histórica quanto literária.

Do ponto de vista histórico, é importante salientar a informação contida em 5.1. Neste verso, Pedro se apresenta como “testemunha dos sofrimentos de Cristo”, um

² Kistemaker destaca, por exemplo, a introdução, na qual Clemente alude a seus destinatários como “chamados” e “santificados” (cf. 1Pe 1.1-2). Além disso, descreve o sangue de Cristo como “precioso” (cf. 1Pe 1.19). Há, ainda, uma série de palavras usadas por Clemente que, no Novo Testamento, aparecem somente em 1Pedro. Por fim, faz uso muito semelhante ao empregado por Pedro de passagens do Antigo Testamento como Provérbios 10.12 e 3.34 (KISTEMAKER, 2006, p. 11 e 12).

qualificativo condizente com o relato dos Evangelhos, nos quais nos é dito que Pedro esteve com Jesus no Getsêmani, na noite em que foi traído (Mc 14.32s.; Mt 26.36s.; Lc 22.39s.) e acompanhou também os eventos da prisão de Jesus e de seu interrogatório diante do Sinédrio (Mc 14.43s, Mt 26.47s, Lc 22.47s e Jo 18.1s). De fato, o trecho de **2.20-22** se encaixa perfeitamente nas descrições das humilhações e afrontas sofridas por Cristo ao longo daquela noite tenebrosa, conforme nos relatam os evangelistas.

Outra passagem que se encaixa no panorama histórico da vida de Pedro é **5.2**. Aqui o autor se apresenta como um “presbítero”³, dirigindo-se aos líderes das igrejas da Ásia Menor como um “presbítero como eles”. Ele os exorta a *pastorearem* o rebanho de Deus. É impossível não vislumbrar nesse trecho reminiscências do episódio relatado em João 21.15-17, a emocionante passagem na qual, por três vezes, Jesus ordena que o apóstolo “pastoreie” suas ovelhas.

Por fim, merecem destaque algumas informações fornecidas por **5.12-13**, quase no final da carta. O verso 12 nos relata que a carta foi escrita aos leitores “por meio de Silvano”⁴. É seguro inferir que se trata de Silas, descrito como homem notável (At 15.22) e profeta (At 15.32), que juntamente com Judas levava a carta do Concílio de Jerusalém aos irmãos de Antioquia (At 15.30-35). Após Paulo se separar de Barnabé, Silas se tornou seu principal companheiro de viagens (At 15.40; 16.19,25,29; 17.4,10,14; 18.5). E o apóstolo aos gentios também o chamava de Silvano em suas cartas (vide 1Ts 1.1 et al.). A referência a Silas, portanto, situa tanto 1Pedro quanto seu autor no círculo da liderança da Igreja do século 1º.

Além disso, no verso 13, é-nos dito que a carta foi escrita “da Babilônia” e que Marcos estava com o autor. Demonstraremos no próximo tópico que “Babilônia” é uma referência velada a cidade de Roma. Tal informação se coaduna perfeitamente com o que sabemos sobre o final da vida de Pedro. Tanto Irineu quanto Eusébio nos informam que o apóstolo teria ensinado em Roma, onde foi “interpretado” por João Marcos (o filho amado mencionado aqui), que nestas ocasiões “coletou” o material que serviu de base para a composição do Evangelho que leva seu nome (KISTEMAKER, p. 31).

Tais informações históricas, fornecidas no bojo da própria carta, apontam para a autoria petrina. A evidência interna, contudo, não se esgota aí. Em artigo que se tornou célebre, Robert H. Gundry procura demonstrar a presença robusta do

³ É importante lembrar que, no contexto da Igreja Primitiva, o “presbítero” ou “ancião” era o responsável pelo cuidado pastoral das igrejas. No NT, os termos “presbítero”, “bispo” e “pastor” são empregados para referir-se a funções diferentes do mesmo oficial.

⁴ Embora autores como Kistemaker e Clowney sustentem que Silvano (ou Silas, como é apresentado em Atos) poderia ter atuado como secretário ou amanuense de Pedro, participando assim da própria composição da carta. A posição sustentada nesse comentário é que Silvano simplesmente foi o portador da mesma, isto é, foi incumbido de levá-la em segurança até a Ásia Menor e entregá-la às igrejas. Para maiores detalhes, veja comentário de **5.12**.

ensino de Jesus no texto de 1Pedro.⁵ Com base nesse artigo, Kistemaker afirma que em cada capítulo da carta de Pedro é possível encontrar alusões – algumas óbvias, outras por meio de paráfrases – às palavras do Mestre⁶ (KISTEMAKER, 2006).

Nessa mesma linha, em seu aclamado comentário de 1Pedro, E. G. Selwyn ressaltou as semelhanças marcantes entre a linguagem da carta e os quatro sermões atribuídos a Pedro no livro de Atos dos Apóstolos (2.14-40; 3.11-26; 4.8-12 e 5.29-32; 10.34-43 e 15.7-11) (SELWYN, 1981). Nesse sentido, Clowney destaca a notável semelhança entre **1.10-12** (trecho no qual Pedro nos remete aos profetas do Antigo Testamento) com a referência feita pelo apóstolo em Pentecostes aos anúncios proféticos que então se cumpriam naquele dia memorável (CLOWNEY, 1989). Ressalte-se, também, a título de exemplo, as similaridades entre **2.1-10** (veja as referências de Pedro à pedra angular e à pedra de tropeço, Is 28.16; Sl 118.22 e Is 8.14,15) e o eloquente discurso apologético feito pelo apóstolo diante das autoridades judaicas: “Este Jesus é pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular” (At 4.11). É impossível negligenciar o fato de que tal temática do Antigo Testamento tenha sido assimilada de modo tão peculiar pelo discípulo a quem Jesus disse: “[...] tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja” (Mt 16.18).

O conjunto de evidências externas e internas é robusto e nos permite concluir de forma inequívoca: foi Pedro, o apóstolo de Jesus, quem escreveu a carta.

C. A teoria da pseudonímia

Em detrimento da robusta evidência e da aceitação, ao longo da história, praticamente universal da carta como petrina, a partir da primeira metade do século 20 popularizou-se a tese de que 1Pedro seria um pseudoepígrafo, e que “Pedro” em **1.1** seria um pseudônimo.

Segundo Blum, tal tese foi popularizada em língua inglesa por F. W. Beare em 1945. Na esteira de eruditos alemães como Gunkel, Knopf e Windisch, Beare sustenta que 1Pedro é um produto da era pós-apostólica, escrito no 2º século da era cristã (BLUM, 1996). Com base na obra de Kümmel, Grudem organiza os argumentos utilizados para sustentar tal posição em quatro tópicos: 1) Como homem “iletrado e inculto” (At 4.13), Pedro seria incapaz de escrever uma carta em grego excelente; 2) As referências à perseguição aos cristãos presentes no escrito não se coadunam com o tempo em que Pedro viveu, sendo características

⁵ GUNDRY, R. H. *Verba Christi in 1 Peter: their implications concerning the authorship of 1 Peter and the authenticity of the gospel tradition*. New Testament Studies, jul. 1967. v. 13, n. 4, p. 336–350. Esse artigo foi uma resposta de Gundry às posições críticas que negam a autoria petrina, aduzindo entre outros argumentos que não se pode encontrar em 1Pedro material que nos remete ao ensino de Jesus no evangelho.

⁶ Compare: João 20.29 e 1Pedro 1.8; 1.22 e João 13.34-35; Mateus 5.6 e 2.12. Gundry mostra que uma análise atenta dos ensinamentos de Jesus reproduzidos na carta revela que Pedro era um participante especialmente ativo no contexto narrativo do qual tais ensinamentos são extraídos. Para mais informações, ver GUNDRY, R., 1967.

Pedro e seus leitores

(1Pedro 1.1-2)

Os dois primeiros versículos da carta seguem o padrão costumeiro da maioria das epístolas do Novo Testamento, ou seja, apresentam o seu autor, os destinatários e trazem uma saudação ou voto de bênçãos.¹ Já se pode perceber nestes versículos iniciais a intenção de Pedro de confortar e fortalecer seus leitores, que passavam por grandes tribulações e provações oriundas das perseguições características do século 1º, promovidas pelos judeus e pagãos contra os cristãos. Aqui Pedro os assegura que, mesmo forasteiros neste mundo, eles são eleitos de Deus para a salvação.

1.1 – Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos que são forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia. O autor da carta se identifica como Pedro, o conhecido apóstolo mencionado nos Evangelhos, no livro de Atos e em algumas cartas do apóstolo Paulo. Veja na *Introdução* a discussão sobre a autenticidade desta identificação e um pouco mais sobre a pessoa e a obra do apóstolo Pedro. Seu nome de nascimento é *Simão*. Já *Pedro*, forma grega de *Cefas*, é o cognome que Jesus deu a Simão quando o viu pela primeira vez (Jo 1.42). Mais tarde, o Senhor confirmou este cognome em sua forma grega com uma alusão à *pedra*, após a confissão de Simão que Jesus era o Cristo (Mt 16.18). Pedro, em suas duas cartas, se apresenta como Pedro (**1.1**) ou Simão Pedro (2Pe 1.1), embora Paulo, na maioria das vezes em que se refere a ele, chame-o de Cefas, a forma aramaica de Pedro (cf., por exemplo, 1Co 1.12; 9.5; 15.5; Gl 1.18;

¹ Este padrão é seguido nas cartas escritas por Paulo, Pedro, Tiago e Judas. João segue padrão similar, embora com menos detalhes. A carta aos Hebreus não traz nenhuma destas informações.

2.9; 2.11; etc.). “Pedro aqui usa este nome, e não Simão ou Cefas, porque está escrevendo aos cristãos espalhados pela Ásia Menor” (A. T. Robertson).

Pedro se apresenta como *apóstolo de Jesus Cristo*. “Apóstolo” significa primariamente um enviado, um mensageiro.² O termo é usado no Novo Testamento para designar mensageiros sem qualquer *status* especial, como Epafrodito, que é chamado “apóstolo”, no sentido de enviado da igreja de Filipos (Fp 2.25). É provavelmente neste mesmo sentido que Paulo emprega o termo “apóstolos” para alguns irmãos fora do grupo dos Doze, os quais eram “mensageiros” (ARA), “embaixadores” (ARC) ou ainda “representantes” (NVI) das igrejas (2Co 8.23). “Apóstolo” também designa, no Novo Testamento, alguns homens que pertenciam ao círculo apostólico dos Doze e de Paulo, como Barnabé (At 14.14; 15.2), Andrônico e Júnias (Rm 16.7) e Tiago, o irmão do Senhor Jesus (Gl 1.19). O uso mais comum do termo “apóstolo”, todavia, é para designar os Doze chamados pessoalmente por Jesus Cristo (Lc 6.13) e Paulo. A diferença entre eles e os demais mencionados anteriormente é o comissionamento direto por Cristo para serem testemunhas autorizadas da ressurreição e para pregar o Evangelho ao mundo, lançando os fundamentos da Igreja Cristã. É neste último sentido que Pedro se designa como “apóstolo de Jesus Cristo”.

Sempre houve na Igreja Cristã quem se arrogasse como apóstolo de Cristo e sucessor de Pedro, a começar pelo bispo de Roma nos primórdios do cristianismo, dando origem à doutrina do papado. Os protestantes, porém, também têm seus “apóstolos”, líderes de igrejas neopentecostais que se arrogam o título e se auto-ordenam “apóstolos”, numa caricatura infeliz do ofício instituído por Jesus Cristo e que se limitou aos Doze e a Paulo. No entendimento protestante reformado, os sucessores, não do ofício, mas da missão e da obra dos apóstolos, são os pastores e mestres, que desenvolvem seu trabalho expondo as Escrituras, produzidas por inspiração divina e autoridade apostólica.

É importante notar que não há nada na autodesignação de Pedro como apóstolo de Cristo que ao menos sugira que ele se via como cabeça da Igreja Cristã e seu chefe supremo. Ele se designa simplesmente de “apóstolo”. Na sua segunda carta, acrescenta “servo” na sua apresentação (2Pe 1.1).³ Aqui em 1Pedro, mais adiante, ele se identifica simplesmente como um entre os demais presbíteros (5.1). Isto confere com sua atitude de humildade diante de Cornélio, quando este se ajoelhou para adorá-lo. Pedro recusa receber adoração de Cornélio: “[...] eu

² “Apóstolo”, ἀπόστολος, de ἀποστέλλω, “enviar”. Na literatura grega clássica era usado para designar uma expedição naval e provavelmente também seu comandante. Mais tarde, veio a designar uma pessoa enviada com um propósito específico, que é o sentido em que usualmente é empregado no Novo Testamento.

³ Pedro se refere em 2Pedro 3.2 aos “vossos apóstolos”, τῶν ἀποστόλων ἡμῶν, o que tem sido considerado pelos estudiosos que negam a autoria petrina de 2Pedro como um “lapso freudiano” do falsificador, pois Pedro jamais teria se referido aos demais apóstolos sem se incluir entre eles. Contudo, esta é uma inferência desnecessária. Pedro diz simplesmente que os destinatários de 2Pedro deveriam ouvir e seguir o ensino dos apóstolos, entre os quais ele se inclui, obviamente, e não o ensino dos falsos mestres.

também sou homem” (At 10.26). Do ponto de vista bíblico, o papado é a maior usurpação da história da Igreja Cristã.

Os destinatários da carta são identificados como “eleitos que são forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia”. Apesar de serem identificados como se fossem judeus convertidos da Diáspora judaica, os destinatários de 1Pedro são cristãos em geral, judeus e gentios, espalhados nas províncias romanas mencionadas. Veja a *Introdução* para uma justificação desta posição. Pedro os chama de “eleitos”, designação usada com frequência no Novo Testamento para se referir àqueles que Deus soberanamente escolheu, de entre toda a humanidade, antes da fundação do mundo, para serem seus filhos, mediante Jesus Cristo (Mt 24.24; Mc 13.20,22; Rm 8.33; 11.7; Cl 3.12; Tt 1.1; Ap 17.14).⁴ Pedro gosta de usar este termo para indicar o eterno propósito de Deus. Ele se refere a Jesus como sendo a pedra “eleita e preciosa” para Deus (2.4,6) e à Igreja como sendo “raça eleita” (2.9; cf. a referência à Babilônia como “eleita”, provavelmente uma designação da Igreja de Roma, 5.13).

Contudo, os eleitos são também “forasteiros da Dispersão”.⁵ Mesmo que sejam os escolhidos de Deus e predestinados para a vida eterna, enquanto estão no mundo são “peregrinos e forasteiros” (2.11) e a vida deles aqui é uma “peregrinação” (1.17). Ao chamá-los de forasteiros, Pedro enfatiza que o lar deles é nos céus (veja 1.3-4); aqui neste mundo, eles não têm um lar seguro e definitivo e estão sujeitos à toda sorte de sofrimentos e perseguições, como estrangeiros e peregrinos em terra alheia. A expressão “estrangeiros e peregrinos” só é usada, além de Pedro (2.11), pelo autor de Hebreus, ao se referir aos heróis da fé (Hb 11.13; cf. 11.35-40). Em parte, era esta a situação dos destinatários de 1Pedro, aflitos e oprimidos por perseguições promovidas por judeus e gentios (cf. *Introdução*).

Pedro menciona cinco províncias romanas que constituem, em parte, a região ao norte da antiga Ásia Menor: *Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia*. O Ponto, a Capadócia e a Ásia devem ter sido originalmente evangelizados por judeus helenistas que se converteram em Jerusalém com a pregação de Pedro no dia de Pentecostes (At 2.9). Uma vez Paulo e seus companheiros tentaram entrar na Bitínia para anunciar o evangelho ali, mas foram impedidos pelo próprio Senhor (At 16.7). Não sabemos ao certo como aquela área foi atingida pelo evangelho. Posteriormente, Paulo evangelizou a Galácia (At 18.23; cf. 1Co 16.1; Gl 1.2).

⁴ “Eleitos”, ἐκλεκτοίς, do verbo ἐκλέγω, “escolher”, “selecionar”. A NVI traz “*eleitos de Deus*” no objetivo de deixar claro quem é o autor da eleição. Já a ARC traduziu ἐκλεκτοίς παρεπιδήμιους διασποράς como “estrangeiros dispersos”, deixando, por motivos de estética, o termo “eleitos” para o verso seguinte (1.2), onde realmente ele é repetido no original.

⁵ A ARA preferiu traduzir παρεπιδήμιους διασποράς desta forma. Contudo, existe a possibilidade de que Pedro esteja usando o termo διασπορά, não no sentido oficial da Diáspora judaica (como em Jo 7.35), mas como um adjetivo significando dispersos ou espalhados. Tanto a ARC (“estrangeiros dispersos”) quanto a NVI (“peregrinos dispersos”) preferiram esta última opção.

Já na introdução da sua epístola, Pedro demonstra consciência da situação de perseguições e sofrimento vivida pelos cristãos daquelas províncias e os conforta com a lembrança de que são eleitos de Deus, mesmo sendo peregrinos e estrangeiros aqui neste mundo. O Deus que tudo sabe e tudo pode os elegeu antes da fundação do mundo para que fossem seu povo especial. Este fato passa despercebido ao mundo, que os vê como estrangeiros, espiritualmente falando, por não compartilharem dos mesmos valores e das mesmas crenças deste mundo perdido. Contudo, Deus haverá de guardá-los durante o tempo da peregrinação, como Pedro afirma mais adiante na carta.

1.2 – eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo, graça e paz vos sejam multiplicadas. Pedro havia se referido aos seus destinatários como “eleitos” (1.1). Agora, expande este conceito com o propósito de encorajá-los e confirmá-los em meio às perseguições que enfrentavam.⁶ É impossível deixar de notar a estrutura trinitariana da passagem. Pedro aqui expõe a eleição em relação ao Pai, Filho e Espírito Santo.⁷

Primeiro, eles foram eleitos “segundo a presciência de Deus Pai”.⁸ Pedro sempre emprega o termo “presciência” com o significado de “propósito”. Este é claramente o sentido de “presciência” em Atos 2.23, quando Pedro se refere à morte de Jesus e em 1.20 quando diz que ele era “conhecido” antes da fundação do mundo por Deus.⁹ E é neste sentido que ele emprega a palavra aqui em 1.2 (“você foram escolhidos de acordo com o propósito de Deus, o Pai”, NLTH). Os crentes não são eleitos em decorrência da fé que Deus previu que eles teriam, mas em decorrência do seu propósito soberano. Pedro, que negou Jesus três vezes e vacilou outras, sabia muito bem que a sua própria eleição não poderia ter sido decidida com base em seus méritos. A presciência de Deus, neste caso, é seu “amor que pré-ordena” a salvação (R. Jamieson). Saber que Deus antecipadamente os havia conhecido e elegido para a salvação seria um grande conforto para os leitores de Pedro em meio à rejeição que eles experimentavam da parte dos descrentes.

⁶ Veja a discussão do termo “eleitos” em 1.1 e notas.

⁷ Outro exemplo do emprego das três pessoas da Trindade por Pedro encontra-se em seu sermão no dia de Pentecostes, ao referir-se à exaltação de Jesus Cristo: “Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis” (At 2.33). Também é significativo que a estrutura da passagem seguinte, em que Pedro bendiz a Deus (1.3-12), também se forma em torno da pessoa do Pai (1.3-5), do Filho Jesus Cristo (1.6-9) e do Espírito Santo (1.10-12). Esta concepção trinitária de Deus não é originada em Pedro, mas ele a aprendeu com o próprio Senhor Jesus durante o tempo em que andou com ele, cf. Mateus 28.19-20. Embora a palavra “Trindade” não apareça no Novo Testamento, o conceito certamente está presente.

⁸ “Presciência”, *πρόγνωσις*, significa ter um conhecimento antecipado daquilo que está adiante no tempo, algo atribuído somente a Deus na literatura bíblica. A ideia do conhecimento antecipado de Deus com relação à eleição e predestinação ocorre em Romanos 8.29, “aos que de antemão conheceu, também os predestinou”. Nesta passagem, o conhecimento antecipado de Deus é a mesma coisa que seu propósito amoroso de salvar os que ele soberanamente conheceu na eternidade.

⁹ Cf. Romanos 8.29-30; 9.23-24; 11.2, que expressam este mesmo sentido.